Os Palhaços e seus Dourados no contexto da Irmandade São Francisco de Assis: música, dança e festa na tecitura da vida e do cotidiano da cidade de Carmo do Cajuru – MG[1]

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

Sônia Cristina de Assis
UEMG -Universidade do Estado de Minas Gerais, Escola de Música, assis.soniacris@gmail.com

Resumo: No contexto de prática social da Folia de Reis São Francisco de Assis encontramos os Palhaços com seu objeto sonoro, o Dourado. Nesse encontro investigamos como emerge a potência relacional do objeto sonoro dentro do fazer musical da folia, mais especificamente na dança dos palhaços, revelando-se em acordes, vibrações e musicalidade[2].

Palavras-chave: Palhaços. Danças. Música. Dourado. Envolvimento.

The Clowns and your Dourados in the context of Irmandade São Francisco de Assis: music, dance and festivity at tecitura of life daily in the city of Carmo do Cajuru – MG

Abstract: In the context of social practice of Folia de Reis São Francisco de Assis we found the Clowns with your sonorous objects, the Dourado. In this meeting we investigated how emerges the relation of the sonorous objects in performance of music of Folia de Reis, specifically in dancing of the clowns, revealing in chords, vibrations and musicality.

Keywords: Clowns. Dance. Music. Dourado. Involvement.

1. Os foliões que escondem os rostos

O presente artigo desdobra-se do estudo etnográfico realizado no contexto da Festa da Irmandade Folia de Reis São Francisco de Assis[3], na cidade de Carmo do Cajuru-MG. Propomos enfatizar os modos como acontecem as mediações entre instrumentos sonoros, canto e gestos para compreendermos os sentidos que emergem do envolvimento e da performance artística, que entrelaça Foliões e instrumentos sonoros. A música atravessa a cidade avisando aos moradores sobre a folia, e os instrumentos vão produzindo movimentos em um território de

sentidos. Nosso foco, privilegiará os movimentos que fluem da presença e mediação dos palhaços e seus dourados.

Tanto os *Palhaços* quanto seus instrumentos sonoros, o *Dourado*, são bem peculiares. Os *Palhaços* pelo uso da máscara, pela desenvoltura lúdica e artística e o *Dourado* pelo seu tamanho, sonoridade e uso. Os *Palhaços* são os foliões mascarados que atuam em locais específicos quando a folia está em jornada, como na rua, em um terreiro ou nas salas de visitas de devoto, porém, nunca diante de um presépio. Quando o embaixador está cantando para um presépio, no interior das casas, eles ficam na rua dançando e brincando com as pessoas. O entendimento desta conduta perpassa pela organização da Folia que se baseia na história do Rei Herodes.

Com a intenção de matar o Menino Jesus, Rei Herodes vestiu uma máscara para que não fosse reconhecido pelos pastores e os Reis do Oriente, porém, ele não encontra o local em que estava a criança.

Os palhaços da Folia de Reis representam e expressam o Rei Herodes e sua "maldade", por isso não podem comparecer diante de um presépio. A máscara, por resguardar a identidade e a representação do mal, dilui os sentimentos negativos para com os atores foliões. No lugar do ódio nasceu o jogo e a brincadeira que tem como desafio desmascarar os palhaços, motivando um processo lúdico de interação entre população e folia. Ainda hoje os *Palhaços* se vestem em ambiente fechado e longe de olhares curiosos. Como nos lembra Bakhtin (1999), a máscara recobre a natureza inesgotável da vida e seus múltiplos rostos. Sem ela os palhaços, provavelmente, não poderiam exercer o jogo do disfarce e a representação verdadeira do cômico popular (BAKHTIN, 1999: p.35).

Neste contexto de prática social, destacaremos a expressão sonora – que expõe uma rica corporalidade de gestos e movimentos – que emergem do diálogo dos *Palhaços* com o seu objeto sonoro. Abordaremos a potência relacional que este objeto promove dentro do fazer musical da folia, mais especificamente nas danças, revelando-se em acordes, vibrações e musicalidade. Como interação com o cotidiano da vida da população, a música na e da Folia de Reis, que flui do encontro dos *Palhaços* e seus Dourados, mediará as relações, colocando pessoas e instrumentos em movimento e jornadas. Neste caminho, com o sentido de Ingold (2011: p. 29), *coisas* e *pessoas* expressam-se e se revelam em música.

2. Os Palhaços e seus Instrumentos sonoros: a força da presença do *Dourado*.

O palhaço sai às ruas vestido com um macacão florido, um saquinho de pano pendurado na cintura para guardar esmolas, um capacete, uma máscara cobrindo o rosto e o dourado em mãos. Esse último é um bambu que mede aproximadamente 2 m de comprimento. Em sua extremidade superior encontram-se tampinhas de metal presas por um fio de arame, elas exercem a função de um chocalho. Quando a base inferior do dourado colide no chão as tampinhas se chocam e o som produzindo é amplificado por todo o bambu. A utilização desse instrumento sonoro vem acompanhado pelo movimento corporal do palhaço, que pode ser um balanço lateral na cadência da música ou um impulso vertical no mesmo lugar. Dessa maneira, eles participam ora marcando o tempo forte da música e ora acompanhando a célula rítmica das caixas e sanfonas. Em entrevista, o embaixador Subio narra sobre os palhaços e seus *Dourados*.

> **Embaixador Subio**: - Aquilo é os instrumentos deles. Aquilo já foi criado pelo homem. Os palhaços não tinham instrumentos. É criatividade do homem mesmo, assim, com o dourado na mão e com as palhaçadas que eles fazem é criado para chamar atenção. Mas eles fazem parte da mesma coisa que nós na folia. O palhaço tem que ter muita comunicação, nada fecha eles, tudo que você pergunta eles respondem.

A riqueza do *Dourado,* nessa prática social, aponta que esse objeto, personificado, é criado com base de "*Ser Palhaço*". O desenho do *Dourado*, que diz sobre sua maneira de uso, em conexão com os palhaços, tem como objetivo promover as danças e as relações. Assim, o *Dourado* é tão expressivo quanto os dançarinos, quando ambos se complementam ou se amparam mutualmente. Nessa prática social encontramos uma riqueza de relações, cuja centralidade de sentidos emerge da corporalidade dos sujeitos, materializada em processos rituais e festivos. Nela se manifesta a partilha e a produção cotidiana de experiências e saberes sociais. Como experiência vivida, a dança não tem como objetivo ser uma representação de eventos, ela provém de uma incerteza quando, nesse envolvimento, o objetivo é chamar a atenção das pessoas para o ato expressivo. Então tudo pode acontecer, até mesmo raptarem os dourados dos palhaços.

É importante ressaltar que esse instrumento interage de maneiras diferentes na folia quando não está envolvido em danças. Como no decorrer do canto do embaixador para uma pessoa. Nesse momento, os palhaços acompanham a música batendo seus dourados no chão. Esses objetos sonoros participam da performance da folia se comunicando, como em um

diálogo de perguntas e respostas, enquanto um *Dourado* marca o tempo forte o outro executa uma célula rítmica e vice-versa.

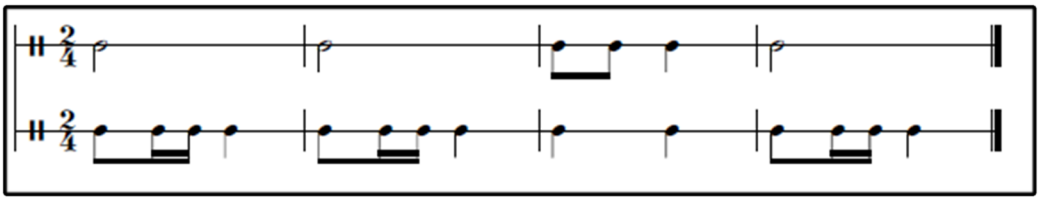

Figura 1 - Exemplo de variações rítmicas. Cada linha corresponde a ação de um dourado.

Outro momento que destacamos é quando o embaixador canta para tirar esmola da bandeira. Somente nessa ocasião as platinelas dos dourados não soam, pois palhaços e dourados cumprem ações que diversificam lugares e significados na folia. Nesse rito temos os palhaços ajoelhados e seus dourados cruzados em X protegendo a bandeira e os devotos.

3. Corpo e técnica no movimento da dança

No contexto da prática musical da folia, a dança dos palhaços emerge em técnica, em arte e em experiência social. Tomamos o termo técnica com o sentido proposto por Marcel Mauss (2003), como gesto técnico eficaz que reside em uma tradição. Para Mauss o ato tradicional ou uma técnica eficaz não difere do ato mágico, religioso e simbólico, sendo assim, toda adaptação de movimentos, bem coordenados, desenvolve habilidades em tudo aquilo que se aprende. Na dança dos palhaços o corpo é o primeiro instrumento da pessoa e o mais natural objeto técnico. Para cada dança o corpo assimila um conjunto de gestos, ritmos, passos e tempos, possibilitando que se ajuste a uma intencionalidade de movimentos e sentido. São processos que constam de um desenvolvimento da pessoa situada, experimentando, crescendo e sustentando uma prática de vida de atividades e em coletividade (INGOLD: 2010).

Nesse estudo, denominamos de dança a noção de técnica a partir do corpo em ação com os dourados, no sentindo amplo do movimento dos corpos e dos instrumentos sonoros que, inseridos em um ambiente, sempre se reinventam.

3.1 Dança Cobra coral

Algumas danças são solicitadas pelas pessoas que a folia encontra em jornadas, mas para isso é necessário que elas contribuam com uma pequena quantia em dinheiro. Outras ocorrem espontaneamente pelos dançarinos durante a performance da folia. É importante ressaltar que o pedido de dança se torna também um momento de vigília, pois em algumas os palhaços deixam seus *Dourados* no chão, momento propício de serem capturados. Nessa ocasião a sanfona e as caixas são os únicos instrumentos que acompanham a dança.

A dança Cobra Coral pode ser realizada com um palhaço dançando por sobre o *Dourado* ou, em outro momento, com ambos dançando por sobre seus *Dourados*. Apresentaremos a primeira. Essa dança inicia quando um dos palhaços coloca seu instrumento sonoro no chão e pula por toda sua extensão com as pernas sempre cruzadas. O outro palhaço acompanha a dança do colega se posicionando ao lado dele, inesperadamente, utilizando o seu *Dourado*, ele empurra o *Dourado* do palhaço dançarino. Feito isso, o palhaço dançarino acaba pisando no instrumento sonoro e o desequilíbrio corporal o leva ao chão.

Figura 2 - Palhaço dançando por sobre o Dourado e o colega acompanhando com seu dourado em mãos.

Essa estratégia de derrubar o companheiro tem como finalidade encurtar a dança. Ficando o *Dourado* no chão, sem a devida proteção, um espectador atento pode o apanhar e o esconder. A devolução acontece somente depois que a folia canta, por horas, para o especta-

ator e para sua alegria, sem nenhum gasto financeiro. Essa pessoa, ainda de posse do dourado, pode exigir que os palhaços dancem, lhe façam agrados em versos, elogios e só depois de satisfeito é que ele devolve o instrumento. São aventuras como essas que fazem da performance dos palhaços uma improvisação constante. Para os embaixadores, um "*bom Palhaço"* é aquele que não deixa a Folia presa por muito tempo em um lugar, assim, ela pode atender mais pessoas nas ruas e visitar mais casas.

3.2 Dança Moinho

A dança Moinho acontece enquanto o embaixador está cantando para alguém, ou seja, os palhaços dançam espontaneamente sem a necessidade de um pedido. Essa dança consta de um gesto que representa a união dos dançarinos atores. Na Dança Moinho os palhaços se abraçam e dançam com seus *Dourados* cruzados, entre eles, formando um X. Assim, ao mesmo tempo que determina um limite entre os corpos dos palhaços ele também os aproxima, estabelecendo um elo de entendimento e de permissão, que somente os palhaços experimentam. A corporalidade dos palhaços nessa dança inclui uma elaboração fraterna do gesto, que gera o abraço, aproximando palhaços, foliões e devotos. Essa dança descreve também as peripécias desses atores por meio da representação cômica, da brincadeira com o corpo e com o jogo da máscara. Ocupando uma posição diferenciada na folia, os palhaços ora negam o sagrado e ora o afirma, protegendo-o. Assim, eles constroem e elaboram conhecimentos dentro do fazer coletivo da folia, o qual gera significado a cada experiência vivida, firmando funções e organizando a vida social.

Figura 3

Figura 4

A movimentação é simples. Os palhaços dançam com seus *Dourados* como se estivessem dançando com uma pessoa. Aos poucos eles se aproximam até que os instrumentos sonoros se encontram, e em seguida eles se abraçam com os *Dourado*s entre eles. Com graça,

os dançarinos jogam seus corpos para um lado e para o outro acompanhando o andamento da música, e tudo se torna um, humanos e não humanos. Enquanto os foliões cantam e tocam para algum devoto dos Reis do Oriente, os palhaços dançam unidos aos instrumentos. Por fim, eles se soltam indo em direções opostas fazendo muita algazarra.

A Dança Moinho é realizada num curto período de tempo, depois, separadamente, cada palhaço dança, sozinho, com seu *Dourado*. Nesse gesto os *Dourados* assumem outra forma na dança, ou seja, nesse momento eles são personificados, passando a ser uma pessoa. Quando os objetos sonoros se tornam pessoas, no sentido enfatizado por Strathern (2006: p. 267), são as danças que, por sua vez, revelam o *Ser Palhaço*, dentro de práticas constituídas de relações coletivas e cotidianas.

3.3 Dança da Jaca

Outra dança que acontece espontaneamente é a dança da jaca. Os corpos que conduzem os dourados dançam em compasso binário e no contratempo do segundo tempo chocam seus instrumentos ao mesmo tempo que saltitam. A dança da Jaca é realizada em um movimento circular em que os palhaços dançam girando, um de frente para o outro, tendo os pés como apoio e marcação. Os pés marcam o tempo em colcheias alternando entre pé direito e esquerdo e ao mesmo tempo que giram, chocam seus dourados sempre no contratempo da música. O gesto de colisão dos dourados vem acompanhado de sentido expressivo, ou seja, os dançarinos se revelam para o Outro quando demostram sua habilidade gestual e rítmica, através de um movimento artístico e criativo. A dança é uma forma de homenagear aquele que sai à rua para ver e vivenciar a folia. É por meio dos gestos que os dançarinos se reconhecem e se firmam no grupo como pessoa, folião e palhaço.

Figura 5

Figura 6

3.4 Dança Moçambique

A Dança Moçambique ocorre por meio de um pedido. Ela faz parte de outra prática musical conhecida em Minas Gerias como Reinado Mineiro. Essa imbricação de práticas é comum em Minas Gerais, pois muitos foliões são integrantes ativos das Irmandades do Reinado e Reisado. Percebemos na performance dos palhaços, ao dançar o Moçambique, um enriquecimento de saberes e vivências. Nessa dança outros significados são articulados ao corpo dos palhaços dançarinos, pois o Reinado retrata os tempos de escravidão do povo negro no Brasil.

De imediato notamos uma modificação na batida das caixas que passaram a repicar. Os corpos dos palhaços dançantes iam se modulando de maneira que seus ombros se curvavam para o chão e seus joelhos eram ligeiramente flexionados, buscando assim o moçambiqueiro do Reinado.

Figura 7 - Corpos dos Palhaços buscando o Moçambiqueiro.

A corporalidade dos palhaços conectada ao som do acordeom e das caixas revelava histórias dos antepassados. Vimos seus pés dançantes tocarem o chão como se gungas estivessem amarradas em seus tornozelos e envolvidos pela música, eles mergulhavam num imaginário de experiências vividas. Depois de incorporarem o moçambiqueiro, mesmo sem os chocalhos gungas, os dançarinos repicavam seus pés no chão acompanhando as caixas e

cantavam a frase “Chorou, chorou o sabiá”. O canto foi repetido duas vezes pelos palhaços e em seguida os foliões respondiam repetindo a mesma frase.

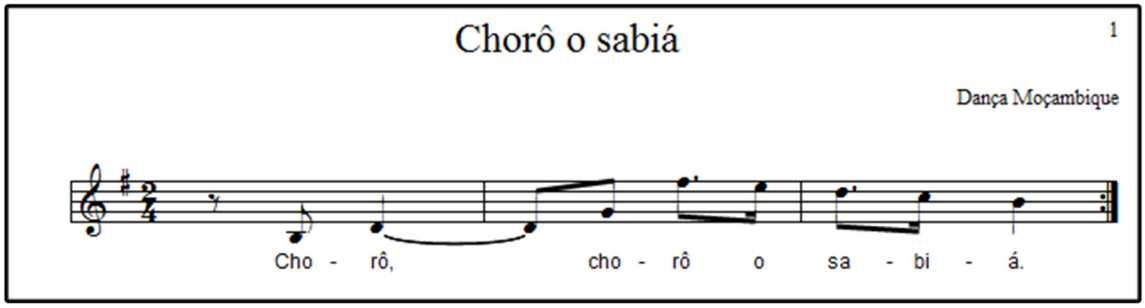

Figura 8 - Canto dos palhaços na dança do Moçambique.

4. Considerações

As danças só nos foram reveladas quando as pessoas, que tinham conhecimento sobre elas, participavam da folia fazendo pedidos de danças e cantos. Assim assistimos e, de alguma maneira, fomos entrelaçados pela atuação dos *Palhaços* na folia. Na performance destes dançarinos vimos danças sendo tecidas em passos, risadas e abraços, em um envolvimento com a vida, no qual as pessoas situam e se relacionam (INGOLD: 2007). As habilidades dos palhaços em cantar ou dançar e o entendimento sobre os signos e os sentidos, que transitam entre às práticas, emergem participando a um viver e um fazer coletivo. Desta forma, saber dançar e cantar na folia também é saber improvisar.

A cada dança há ajustes nos movimentos dos corpos sintonizados com a produção dos sons humanos e não-humanos, provocando uma constante improvisação relacional. Nos percursos são construídas narrativas que entretecem significados, os quais os possibilitam vestir-se como *Palhaços*, mascarar-se e fazer do *Dourado* um objeto *viv*o que se relaciona e dialoga com o ambiente, com as danças, com os sons e as pessoas. São pelos atos carregados de sentidos que estes palhaços fazem suas histórias e se fazem folião. A folia sem estes atores se torna, depois que os conhecemos, incompleta.

Desta forma, o *Dourado* e sua sonoridade preenche esta prática e o cotidiano dando visibilidade aos palhaços e as danças. O fazer musical, na Folia de Reis, contempla um aprendizado que não perpassa somente pela cognição, mas pelo corpo em movimento e

envolvimento com o mundo vivido. São foliões produzindo arte e se deixando produzir na vida. São movimentos intencionais tecidos de sonoridades, corporalidades e materialidades. Uma jornada expressiva de gestos que se conectam às frases musicais, movimentos enraizados em um tempo e em uma territorialidade comum, repleta de intencionalidade preenchida de sentidos.

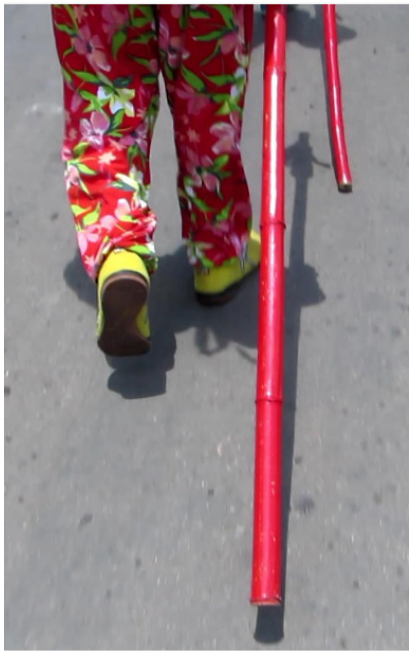

Figura 9 - Palhaços em Jornadas pelas ruas da cidade de Carmo do Cajuru.

Referências

BAKHTIN, Mikail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais.* São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment*: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge,2000.

_____. Trazendo as Coisas de Volta à Vida: Emaranhados Criativos num Mundo de Materiais**.** *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37: 25-44, jan./jun. 2012.

KEILY, Suzel. *Voices of the Magi: Enchanted Journeys in Southeast Brazil.* The University of Chicago Press. Chiacago, 2002.

LUCAS, Glaura. Chor'ingoma! Os instrumentos sagrados no congado dos Arturos e do Jatobá. *Música Hoje.* Belo Horizonte, Vol 7: 10-38, 2000.

_____. *Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2002.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. *Sociologia e antropologia.* Editora Cosac & Naify. São Paulo. p. 399-424. 2003

STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da Dádiva: Problemas com mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Editora da Unicamp, São Paulo, 2006.
TOREN, Cristina. Uma antropologia além da cultura e da sociedade: Entrevista com Christina Toren. *Revista Habitus*. IFCS – UFRJ. Vol. 11 – nº 2013.

---

[1] A autora agradece o apoio da **FAPEMIG** no desenvolvimento deste trabalho, através da concessão de bolsa de pesquisa.

[2] Este texto foi elaborado no processo de desenvolvimento do projeto de doutorado*, com o tema "Música e dança na Festa de Reis em Carmo do Cajuru - MG: Uma etnografia construída no envolvimento com pessoas, instrumentos e sonoridades"*, desenvolvido no PPGEL/EEFFTO-UFMG.

[3] A Festa da Folia de Reis São Francisco de Assis é entendida como uma prática que têm por excelência o ritual. Na atuação do grupo percebemos a existência de uma conectividade entre sagrado, músicos e instrumentos, que nesse caso é o que possibilita torná-los foliões e devotos, ou seja, uma experiência alcançada pela prática de engajamento na Folia.